



*pensamento interacional*

#### Conselho Editorial

Acir Mário Karwoski (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Ana Zandwais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Arlete Cavaliere (Universidade de São Paulo)

Daniel Fäita (Université de Provence)

Diana Luz Pessoa de Barros (Universidade Presbiteriana Mackenzie/USP)

Geraldo Tadeu Souza (Universidade Federal de São Carlos)

Helena Nagamine Brandão (Universidade de São Paulo)

Ida Lúcia Machado (Universidade Federal de Minas Gerais)

Jacqueline Authier-Revuz (Université Paris III - Sorbonne-Nouvelle)

Jacques Bres (Université Paul Valéry)

José Horta Nunes (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

Laurence Rosier (Université Libre de Bruxelles)

Marco Antonio Villarta-Neder (Universidade Federal de Lavras)

Marcos A. Moura-Vieira (Universidade Federal do Mato Grosso)

Maria Bernadete Fernandes de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Maria da Glória di Fanti (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Mika Lähteenmäki (University of Jyväskylä)

Mônica Zoppi Fontana (Universidade Estadual de Campinas)

Pampa Olga Aran (Universidad Nacional de Córdoba)

Solange Jobim e Souza (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

William Roberto Cereja (Pesquisador e autor contratado da editora Saraiva)

LUCIANE DE PAULA  
GRENISSA STAFUZZA  
(ORGANIZADORAS)

**SÉRIE BAKHTIN – INCLASSIFICÁVEL**

CÍRCULO DE BAKHTIN:  
PENSAMENTO INTERACIONAL

Volume 3

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Círculo de Bakhtin : pensamento interacional / Luciane de Paula, Grenissa Stafuzza (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013. - Série Bakhtin : inclassificável ; v. 3)

Vários autores.

ISBN 978-85-7891-207-2

1. Análise do discurso 2. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975 – Crítica e interpretação 3. Ciências humanas – Pesquisa 4. Linguística I. Paula, Luciane de. II. Stafuzza, Grenissa. III. Série.

13-00315

CDD-001.3072

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ciências humanas : Pesquisa 001.3072

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS<sup>®</sup>

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1<sup>ª</sup> edição

**fevereiro/2013**

IMPRESSÃO DIGITAL

– IMPRESSO NO BRASIL –

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

<i>Roque (In Memoriam)</i>	<i>memória de futuro</i>
<i>Sofia e Eduardo</i>	<i>semiose concreta</i>
<i>Lourdes</i>	<i>fala-escuta ativa</i>
<i>Sandra e Francisco</i>	<i>outro-eu exotópico</i>

*Adail Sobral, colaboração des-contínua.  
Mercado de Letras, parceria enunciativa.  
Autores, essência dialógica.*



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO . . . . .	9
<i>Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza</i>	
PREFÁCIO . . . . .	11
<i>Maria Bernardete Fernandes de Oliveira</i>	
1. A DESCOBERTA DE MIKHAIL BAKHTIN E AS LIÇÕES QUE ELE TEM PARA NÓS . . . . .	25
<i>Galín Tihanov</i>	
2. O ININTERRUPTO DIÁLOGO DE BAKHTIN COM A FILOSOFIA DO NOSSO TEMPO . . . . .	45
<i>Luciano Ponzio</i>	
3. BENVENISTE: UMA INTERFACE POSSÍVEL ENTRE SAUSSURE E O CÍRCULO DE BAKHTIN? . . . . .	71
<i>Adail Sobral</i>	
4. BAKHTIN E LUKÁCS: A PALAVRA VIVA NO INTERIOR DAS CONTRADIÇÕES . . . . .	115
<i>Maria Virgínia Borges Amaral</i>	
5. BAKHTIN E FOUCAULT: APOSTANDO EM UM DIÁLOGO . . . . .	143
<i>Cristine Gorski Severo</i>	

6.	A IDEOLOGIA NO/DO CÍRCULO DE BAKHTIN . . . . .	167
	<i>Carlos Alberto Faraco</i>	
7.	IDENTIDADE E ALTERIDADE EM BAKHTIN . . . . .	183
	<i>Maria Teresa de Assunção Freitas</i>	
8.	A PERSPECTIVA BAKHTINIANA PARA O EU-PARA-MIM E O <i>EU-PARA-O-OUTRO</i> . . . . .	201
	<i>Mônica Éboli De Nigris</i>	
9.	O GÊNERO E O ESTILO NA LITERATURA DE AUTOAJUDA . . . . .	219
	<i>Arnaldo Cortina</i>	
10.	BAKHTIN E PÊCHEUX: ATRAVESSAMENTOS TEÓRICOS . . . . .	259
	<i>Maria de Fátima Fonseca Guilherme</i>	
11.	BAKHTIN E A FILOSOFIA DO TANGO . . . . .	281
	<i>Iris Zavala</i>	
Versões em suas línguas originais		
1.	MIKHAIL BAKHTIN'S DISCOVERY AND THE LESSONS IT HOLDS FOR US . . . . .	311
	<i>Galín Tihanov</i>	
2.	L'ININTERROTTO DIALOGO DI BACHTIN CON LA FILOSOFIA DEL NOSTRO TEMPO . . . . .	327
	<i>Luciano Ponzio</i>	
3.	BAJTIN Y LA FILOSOFIA DEL TANGO . . . . .	347
	<i>Íris Zavala</i>	
	SOBRE AS ORGANIZADORAS, TRADUTORES E AUTORES . . . . .	371



## APRESENTAÇÃO

○ volume que ora se apresenta, *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*, é o terceiro volume da Série Bakhtin-Inclassificável, composta ainda por: *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável* (vol. 1), *Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis* (vol. 2) e *Círculo de Bakhtin: concepções em construção* (vol. 4), a ser lançado.

Este volume conta com 14 capítulos que contemplam aproximações e distanciamentos teóricos, todos inéditos: 8 de autores brasileiros e 3 de autores estrangeiros. Estes contam também com as traduções de suas versões originais. A distribuição dos capítulos é a seguinte: na primeira sessão, pela unidade da língua, estão, juntos, os textos em português; na segunda sessão, os textos em suas línguas maternas.

Como privilegiamos uma edição bilíngue, de qualidade e acessível, os textos brasileiros que possuem citações em língua estrangeira apresentam tais citações traduzidas, seja por seus autores seja as citações dos trechos correspondentes às traduções já existentes no Brasil. No entanto, a presença dos originais é, para nós, *sine qua non* – por isso, as citações em língua estrangeira se encontram no corpo dos textos com suas traduções em nota de rodapé e os capítulos dos autores estrangeiros, publicados em sua língua de origem e traduzidos para o português.

Ao pensarmos também na estética da obra, optamos em não publicar duplamente as referências bibliográficas dos textos estrangeiros, uma vez que se encontram nas traduções.

A dialogia é o eixo central em torno do qual giram todas as concepções filosóficas do que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin. Isso ocorre pelo pensamento interacional de produção e recepção de suas obras. Esse pensamento é inter-ação entre pensamentos de epistemes diversas, numa ação concreta de diálogo. Desse ponto de vista é que os capítulos aqui reunidos tratam de concepções do Círculo e relações entre essas concepções, entre o Círculo e outros autores, entre áreas do conhecimento, enfim, como ocorre com o e no pensamento, de maneira interacional. Esperamos e sugerimos que todos tenham(os) e façam(os), a partir dos textos aqui existentes e, principalmente, da obra do Círculo de Bakhtin, essa mesma inter-ação.

*Luciane de Paula*  
*Grenissa Stafuzza*  
(Organizadoras)

## PREFÁCIO

*Maria Bernardete Fernandes de Oliveira*

O terceiro livro da série Bakhtin-Inclassificável traz como tema o pensamento interacional. Esse tema constitui área de interesse relevante para o campo de estudos das Ciências Humanas, privilegiadamente, no século XX, a partir das formulações de Martin Buber, de George Mead e de Vygotsky.

Para o Círculo de Bakhtin, o pensamento interacional constitui-se como um campo de estudo muito caro, desde os primeiros textos, quando em “Para uma Filosofia do ato” a relação entre o eu e o tu é pensada, por Bakhtin, como o centro produtor e organizador dos valores circulantes em uma dada sociedade e, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, a noção de interação verbal nomeia importantíssimo capítulo desse livro, talvez, ao lado do texto sobre Gêneros do Discurso, um dos mais lidos e citados, pelo menos na recepção brasileira da obra do Círculo. Nesse capítulo, a interação verbal é pensada como a substância da língua, ou seja, é no processo de interação verbal que a linguagem emerge, qualificada essa interação como aquela que se realiza entre sujeitos socialmente organizados. Esse processo ganha a nomeação de diálogo em “O discurso no romance” tendo na orientação para a palavra alheia, sua característica principal.

O fato é que esse terceiro livro traz um conteúdo bastante instigante, apresentando-se as discussões sobre o pensamento interacional, ora como uma noção inerente ao próprio pensamento do Círculo, ora como uma interação entre o Círculo e outros pensadores. Nossa apresentação dos artigos pautar-se-á nessa distinção. Inicialmente, trataremos daqueles artigos, nos quais o pensamento interacional é abordado focalizando os próprios textos do Círculo, em seguida nos referimos aqueles textos que fazem dialogar o círculo e outros pensadores.

Em uma síntese inicial e antecipatória diríamos que o conjunto de textos aqui apresentados insere-se nos marcos de um pensamento que considera a produção do conhecimento em um espaço sem fronteiras, entre lugares, nos quais o diálogo respeitoso com o outro configura o eixo valorativo que atravessa os vários artigos. Dessa forma, aceitar o convite de prefaciar um livro com tais qualificações significa aceitar desafios. Assim sendo, antecipadamente a respostas possíveis e orientando-me pelas palavras do próprio Bakhtin, assumo, responsiva e responsabilmente, a tarefa de interpretar a palavra alheia, comprometendo-se com a tentativa de não trair nem deformar o pensamento alheio. Tarefa difícil, conforme já mencionei, diante de um conjunto tão complexo e múltiplo de textos, alguns deles, atravessados por vozes vindas da filosofia, muitas vezes uma área densa e árida, para uma simples linguista aplicada.

Iniciemos pelo texto de Galin Tihanov que presenteia o leitor com um passeio sobre as lições que podem ser retiradas da recepção de Bakhtin, muitas vezes articuladas de forma diferenciada em função das diferentes conjunturas históricas e dos diferentes contextos culturais nos quais esse autor “foi descoberto”, ao mesmo tempo em que discute sobre aquilo que Bakhtin “descobriu”. Segundo ele, em função de quando e onde se processou a recepção de Bakhtin, faz surgir uma imagem flutuante de sua produção, oscilante entre perdas e crescimentos. O autor do artigo resenha criticamente a recepção de Bakhtin e como ele foi muitas vezes confundido com um pensador estruturalista, para em seguida, apontar o que, segundo ele, constituiria contribuições ímpares daquele pensador. Tihanov chama a atenção para o fato, parece-nos nem sempre ainda muito bem compreendido, de que a noção de diálogo, atravessado por

vozes que se constituem como visões e perspectivas diferenciadas sobre o mundo, tornou-se a pedra de fundação para uma tipologia de formas culturais de largo alcance. Ou seja, a noção de dialogismo não se restringe a uma compreensão do modo de funcionamento da linguagem. Destaca, o autor do artigo, a originalidade de Bakhtin como um grande sintetizador que ao se apropriar de discursos produzidos em esferas diversas, remodela-os, estendendo e aumentando o campo de ação de seus conceitos, como se exemplificando, a partir de suas próprias experiências, a ideia de que todo enunciado é constituído a partir de já-ditos e de ainda não-ditos. Apresenta-nos, dessa forma, uma imagem de Bakhtin como um pensador em trânsito, um teórico sujeito ao diálogo, deslocando-se seu pensamento de uma ética e estética, nos primeiros escritos, para a filosofia da cultura em livros mais maduros. Fundamentando exaustivamente seu artigo, finaliza seu passeio, constatando que, de seu ponto de vista, a marca intelectual de Bakhtin, aquela que ele melhor realizou, foi a gradual forjadura de uma plataforma teórica estruturada em um humanismo descentrado, celebratório da alteridade, privilegiando as habilidades genéricas da espécie humana para resistir, no campo da produção do conhecimento e em outros, aos monopólios ideológicos sobre a verdade.

No sentido acima atribuído ao pensamento interacional, encontramos o texto de Carlos Alberto Faraco refletindo sobre a ideologia no/do Círculo de Bakhtin. Escrito rico em citações e referências na abordagem de uma temática, a nosso ver, fundamental à compreensão da rede conceitual do Círculo. Diz Faraco que, apesar do fato de que a recepção brasileira aos trabalhos de Bakhtin e de seu Círculo tenha sido fortemente identificada com a palavra *ideologia*, curiosamente esse termo é relativamente de baixa ocorrência e heurísticamente pouco produtivo na maioria dos textos assinados e publicados por aquele autor. Para Faraco, é em “O discurso no romance”, que o uso do termo *ideologia* se torna mais frequente, com relativo peso heurístico, necessário à compreensão dos conceitos de heteroglossia, vozes sociais e, diga-se de passagem, a pouquíssima discutida noção de estratificação socioideológica da linguagem, presentes no texto mencionado. O autor desse artigo considera que o termo ideologia assume em Bakhtin uma natureza descritiva, na

medida em que, faz parte da ordem própria das linguagens sociais darem forma a visões axiológicas e ideologicamente saturadas, do mundo. Ou seja, qualquer linguagem social, qualquer signo não apenas representam o mundo, mas também são sempre representações refratadas desse mundo. Contudo, ressalta Faraco, no “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, a noção de ideologia emerge com uma vinculação estreita entre classes sociais, aproximando-se de certa compreensão marxista de ideologia, sendo o signo entendido como a arena onde se desenvolve a luta de classes. E, continua, é nesse mesmo texto que, ao admitir que a linguagem do proletariado também refrate o mundo, que Voloshinov acaba por se comprometer com uma visão de ideologias, no plural, admitindo, em outras palavras, seu não comprometimento com a superação definitiva das contradições, pensamento marxista dominante à época em seu país. Uma ciência das ideologias e suas esferas múltiplas de criação é a proposta que vamos encontrar também em Medvedev. Em síntese, de acordo com Faraco, a noção de ideologia, seja nos textos assinados apenas por Bakhtin, seja naqueles assinados em conjunto com Voloshinov ou com Medvedev, afasta-se do conceito ortodoxo marxista compreendido negativamente, como diz Thompson, em seu texto “*Ideologia e cultura moderna*”. Por outro lado, talvez aproximesse, da noção marxiana de visão de mundo, presente em “A luta de classes na França” como ensina Thompson, ou ainda, com seu sentido plural, uma ciência das ideologias, poderia lembrar uma visão gramsciana, que considera a ideologia atravessando de forma diferenciada as várias esferas nas quais se realizam as atividades humanas, da ciência ao folclore. Mas deixemos a continuidade dessas considerações aos leitores.

O texto de Maria Teresa de Assunção Freitas aborda uma questão constitutiva da produção bakhtiniana, qual seja a noção de alteridade. Essa noção, por sua própria definição, pressupõe uma interação entre pelo menos duas consciências, para fazer uso das palavras de Bakhtin. A autora objetiva refletir sobre a relação entre identidade e alteridade, para tanto, alerta ao leitor que adotou, como critério de escolha, debruçar-se em textos cuja autoria é atribuída apenas a Bakhtin. Sua reflexão inicia-se com os textos produzidos nos anos 20, explorando de que maneira o eu se constitui como uma

entidade que executa atos responsáveis no mundo, ao mesmo tempo em que o eu e o tu constituem a fonte dos centros valorativos no mundo da vida. Para Freitas, as noções apresentadas nesses textos abrem caminhos e orientações para que seja assumida uma perspectiva discursiva no trato da temática Identidade e Alteridade. Segundo ela, pistas emergem principalmente no livro de Bakhtin sobre Dostoiévski e nas discussões sobre o romance, nos anos 30, ecoando, em textos mais recentes, como aqueles presentes nos Apontamentos, escritos entre 1970-1971. Nesse último texto, diz Maria Tereza, Bakhtin reafirma a ideia de que o sujeito vive imerso nas palavras do outro. Ao concluir, a autora afirma que, nos escritos bakhtinianos, a alteridade predomina sobre a identidade, manifestando posicionamentos recorrentes de recusa ao mesmo, ao idêntico, ao fechamento do eu. É posicionamento da autora que a concepção de identidade em Bakhtin está sempre aberta a uma alteridade, direcionando-se para o múltiplo, para o diferente, orientando, dessa forma, uma relação com indicadores que permitem o olhar discursivo para os fenômenos da contemporaneidade.

De Nigris, em seu texto “A perspectiva bakhtiniana: o *eu-para-mim* e o *eu-para-o-outro*”, insere-se também em uma discussão na qual a interação é constitutiva do pensamento bakhtiniano. Essa autora explora a relação entre o *eu* e seu *outro*, visando orientar pesquisas sobre procedimentos culturais, tomando como referência as análises realizadas por Bakhtin sobre as obras de Rabelais e de Dostoiévski. O foco deste capítulo é o de, a partir de uma reflexão sobre a construção da relação *eu-outro* na Antiguidade, na Idade Média e no Renascimento, trazer essa discussão para a contemporaneidade, delimitada pela autora como o fim do século XX e começo do XXI. Destaca a forma que o estudioso russo utilizou para explorar a relação *eu-outro*, acompanhando a constituição da cultura na *grande temporalidade*, abrindo espaço para a cultura popular, reforçando seu caráter positivo, em discordância, por exemplo, com as posições aristotélicas que rechaçaram o riso. Segundo a autora, o ápice da história do riso e a supremacia da ordem do *eu-para-o-outro* teria sido o século XVI, a partir de quando surge apenas um “riso reduzido”, muitas vezes limitado à ironia. Nos séculos XX e XXI, afirma De Nigris, a circulação massiva da informação e a rapidez

com que os meios tecnológicos colocam-na à disposição dos seus usuários impõem novos desafios para os estudos da alteridade. De seu ponto de vista, a perspectiva bakhtiniana, por considerar a constituição social e história das produções culturais, permite orientar reflexões sobre as relações que se estabelecem entre as práticas discursivas na grande temporalidade, embora esses estudos, comenta De Nigris, parecem colocar-se na contramão dos hábitos desta primeira década do século XXI. Finaliza o capítulo lançando a discussão sobre a maneira como o indivíduo se relaciona com o conhecimento e com seu outro, a partir do uso das novas tecnologias, em especial das redes virtuais. Segundo ela, os novos gêneros que circulam na sociedade, herdeiros de um passado clássico, reapresentam-se sob novas vestimentas e devem ser observados, a partir de um cuidadoso olhar do pesquisador, uma visão aberta, sem preconceções, atenta ao *outro* contemporâneo, buscando desvendar os meandros dessa construção cultural da qual somos todos participantes.

Em “O gênero e o estilo na literatura de autoajuda”, Arnaldo Cortina, ancorado nas relações entre gênero e estilo, discutidos em textos bakhtinianos, apresenta os resultados de uma extensa pesquisa, cujo objeto de estudo são textos de autoajuda. A proposta desse autor é que esses textos, fenômeno da contemporaneidade, devem ser entendidos como gênero. A partir de dados construídos em levantamento de publicações de origem brasileira, latino-americana, norte-americana e europeia, analisa os livros em função de traços dominantes agrupados, em categorias quais sejam, “positividade”, “misticismo e esoterismo”, “sexualidade”, “administração”, “estética”, “crenças” e “feminilidade”. A análise revela que os diferentes títulos classificados como autoajuda exibem um modo de ser, o *ethos* da autoajuda, responsável pelo delineamento do estilo. Conclui Cortina que os livros de autoajuda constituem um novo gênero, que podem ser classificados como incluídos ora no gênero primário, ora como pertencentes ao gênero secundário. Mas, a nosso ver, seus resultados vão além, no sentido de trazer mais uma luz para o processo de “transformação e reapropriação” de gêneros antigos.

Os textos a seguir constituem um bloco no qual o processo interacional realiza-se entre pensadores, outros sistemas semiótico-



artísticos e o pensamento de Bakhtin. Assim é que Luciano Ponzio, em “O Ininterrupto diálogo de Bakhtin com a filosofia do nosso tempo”, recupera a autodenominação de Bakhtin como filósofo, discutindo seu interesse em relação ao pensamento filosófico da escola de Marburgo, na perspectiva que atendia pelo nome de neokantismo. Do ponto de vista de Ponzio, contudo, Bakhtin distancia-se dessa corrente de pensamento, ao mesmo tempo em que considera, com certo carinho, o entendimento expresso em “A Ideologia Alemã”, texto escrito por K. Marx e F. Engels, de que a linguagem é a consciência, real, prática, existente para os homens. Ganha relevo ainda, no texto de Ponzio, o apreço de Bakhtin por Kierkegaard, particularmente por sua concepção de singularidade. O fato é que, na visão de Ponzio, Bakhtin aproxima-se e apropria-se da voz alheia, resignificando-a, aliás como sugere sua concepção sobre o modo de funcionamento da linguagem, explicitado por ele em “O Discurso no romance”. Ou seja, parece que é seu próprio processo de diálogo com a palavra alheia que vai lhe permitir afirmar que a linguagem humana está sempre orientada para algo, para alguém, de uma forma responsiva. Um bom exemplo seria o conceito kantiano de “arquitetônica” que em Bakhtin é reelaborado tornando-se um dispositivo espaciotemporal e axiológico de organização do mundo, centrado em torno de uma relação singular entre o eu e seus outros. Passeia ainda Ponzio pela relação que o círculo estabeleceu com Freud e mais uma vez visita uma possível releitura que Bakhtin teria realizado da metáfora estrutura e superestrutura em Marx, resignificando essa metáfora em uma formulação não mecanicista da totalidade, conforme podemos ler em “Arte e Responsabilidade”. Outro destaque, diz respeito às diferenças apresentadas entre Bakhtin, Sartre e Heidegger, na compreensão da alteridade, afirmando Ponzio que a filosofia da alteridade em Bakhtin é aberta ao outro e que essa sua visão cósmica estaria melhor caracterizada em sua formulação da noção de carnavalização. Em síntese, poderíamos dizer que nos textos de Tihanov, Faraco e Ponzio, cada um a sua maneira, encontramos informações ricas e provocantes, principalmente se pensarmos algumas interpretações recentemente em circulação sobre Bakhtin e seu legado.

Adail Sobral adentra na discussão de uma interface possível entre Saussure e o Círculo de Bakhtin, mediada por Émile Benveniste, a quem Sobral considera um representante *rebelde* do saussuriano, por ter sido aquele que teria experimentado os primeiros passos na direção de uma Linguística da Enunciação. O argumento inicial de Sobral é que seria um engano pensar que as concepções do Círculo de Bakhtin constituem-se oposição ao estudo saussuriano do sistema de regras da língua. De acordo com seu ponto de vista, Bakhtin reconhecera a legitimidade do estudo do sistema, o questionamento direciona-se para o fato de que esse estudo não é capaz de dar conta da complexidade da linguagem, mas apenas de um de seus aspectos relevantes. O percurso do artigo dirige-se primeiramente para a retomada de elementos que constituem as bases da concepção dialógica da linguagem, em seguida apresenta uma leitura das propostas de Benveniste e, finalmente, faz uso da revisão apresentada no primeiro item para empreender *uma leitura* (como sempre *sem álibi*) das principais formulações de Benveniste. Em sua apresentação das teses do Círculo, torna-se relevante o reconhecimento da provisoriade da condição humana, do sentido, instaurando uma tensão dialógica em que estabilidade e variação se confrontam, se combinam, se refletem em refração, *ad aeternum*. Em resumo, uma concepção que evita, de um lado, o teoreticismo e o empirismo, de outro o sociologismo e o subjetivismo. Em Benveniste, são visitados vários textos com ênfase naqueles que tratam da Subjetividade na Linguagem, do Aparelho Formal da Enunciação, Da Estrutura da Língua e Estrutura da Sociedade e das Relações de Tempo no Verbo Francês, considerando que, se de um lado, o aspecto positivo da obra de Saussure é mantido, de outro, as formulações benvenistianas acenam para uma perspectiva mais ampla, mais abrangente, que incorpora *langue* e *parole* em um mesmo plano, o da enunciação, nesse sentido, podendo ser Benveniste considerado como uma interface possível entre Saussure e o Círculo de Bakhtin.

Os artigos “Bakhtin e Lukács: a palavra viva no interior das contradições” de Maria Virgínia Borges Amaral; “Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo” de Cristine Gorski Severo; e, “Bakhtin e Pêcheux: atravessamentos teóricos” de Maria de Fátima

Fonseca Guilherme estabelecem o diálogo, cada um deles explorando ângulos diferenciados, entre o pensamento do Círculo e pensadores clássicos da Sociologia, da Filosofia e da Linguística respectivamente.

O objetivo do texto de Amaral é analisar o percurso histórico vivenciado por Bakhtin e Lukács, sua reflexão na produção intelectual de ambos, visando identificar o ponto de convergência entre esses dois autores e aquilo que os fez entrar na história do conhecimento, transitando por temas tais quais o marxismo, a linguagem e a estética. Explora em sua análise uma convergência intelectual entre os dois autores com relação à leitura das teorias idealistas derivadas do neokantianismo, que conduziram Lukács, sob influência hegeliana, em sua busca por uma compreensão do fenômeno da totalidade, a criticar essas teorias. Bakhtin segue no mesmo caminho em seu projeto de crítica ao “teoricismo”, embora seu alvo fosse o de chegar aos princípios que poderiam levar à construção de uma filosofia primeira, no sentido aristotélico. De acordo com a autora, se a literatura e a filosofia aproximaram Bakhtin e Lukács, foram também esses campos do conhecimento que os separaram. Outro ponto de afastamento processou-se com relação à política, pois no entender de Amaral, embora ambos tenham vivenciado a pressão stalinista e as dores do exílio, o reflexo desses fatores foi absorvido e refratado de forma diferenciada para esses dois grandes autores foram bastante diferenciadas. Do ponto de vista da autora, seria do encontro do trabalho artístico com a realidade objetiva que se podem abstrair pontos de conexões entre Lukács e Bakhtin. Da teoria do discurso do romance de Bakhtin e dos estudos da estética de Lukács apreendem-se os elementos de uma construção filosófica acerca dos complexos da vida humana, especificamente aqueles relacionados à arte. Um dos questionamentos de Amaral, a meu ver, bastante pertinente e merecedor de maiores reflexões, diz respeito ao fato de que o marxismo em Bakhtin aparece de forma um tanto contraditória. Apostaríamos que um melhor conhecimento “dos marxismos” em vários momentos e épocas, quem sabe, lançaria luzes sobre a questão. Em resumo, em um texto provocativo e instigante, a autora discorre sobre esses grandes autores, apontando para o fato concreto de que ambos se aproximam ao tratar do indivíduo e da sociedade.

Se o artigo anterior focaliza as vozes que se fizeram presentes na construção daqueles dois pensadores, o artigo de Cristine Gorski Severo vai focalizar o possível diálogo entre Bakhtin e Foucault, considerando algumas temáticas específicas. De início, a autora chama a atenção para o fato de que esses dois pensadores partilham de um pensamento que não se permite a um fechamento ou a uma rotulação fácil. Nesse sentido, afirma a autora que pensar diferente, corajosa e livremente, como fazem Bakhtin e Foucault implica em riscos, traz no seu bojo a possibilidade de uma nova via para se compreender as verdades, os sujeitos e o mundo. Trata-se de um texto, que busca discutir os conceitos de língua-discurso, relações de poder, dialogismo e ética. O primeiro conceito é tratado a partir das afinidades em torno do conceito de enunciado; a relação de poder é inventariada em Bakhtin, a partir das noções de carnavalesação e das forças centrífugas e centrípetas, operantes sobre a língua, do lado de Foucault, o privilégio é atribuído a seu conceito mesmo de relações de poder e a crítica desse autor ao conceito de ideologia. Essas noções evidenciarão, segundo Severo, o fato de que para esses autores, o poder não tem um centro, uma origem, não opera de forma análoga e não é igualmente distribuído. Para dar conta da dimensão ética, a autora faz uso do conceito de *parresia*, entendida como uma técnica de prática ou cuidado de si, presente nos últimos textos de Foucault, conceito esse que surge em oposição à noção de retórica. Essa oposição à retórica seria o elo entre aquele autor e Bakhtin, no que se refere à dimensão ética. Enfim, em busca de concordâncias epistemológicas, a autora, assim como praticamente todos aqueles participantes desse livro, deixa em suspenso, com suas ponderações e reflexões, temas para trabalhos que, talvez venham a gerar novas séries.

Na mesma direção que os textos anteriores, buscando interface entre dois grandes pensadores, o foco de Maria de Fátima Fonseca Guilherme no artigo “Bakhtin e Pêcheux: atravessamentos teóricos” centra-se no plano da epistemologia, objetivando compreender cada um desses teóricos em sua singularidade, construindo, em alguns momentos, percepções convergentes acerca de determinados conceitos e noções. Segundo ela, as recusas expressas por Pêcheux em relação a Bakhtin esmaecem-se, a partir da presença

da linguista Jacqueline Authier-Revuz, e a chegada à Análise de Discurso Francesa da noção da heterogeneidade discursiva. Para apontar as possíveis convergências epistemológicas entre Bakhtin e Pechêux, a autora convoca as noções de signo, língua e discurso; as semelhanças entre dialogismo e formação discursiva e entre dialogismo e interdiscurso; o posicionamento de ambos os autores acerca da questão da enunciação; e, finalmente, as noções de História e Historicidade. Na busca de atender a seu objetivo inicial, informa a autora que vai privilegiar algumas das obras dos estudiosos em questão e conclui seu texto afirmando que sua reflexão permite reafirmar uma visão do compromisso daqueles dois pensadores com uma teoria da linguagem que ultrapasse a língua em sua imanência e o sujeito em sua fisiopsicologia, abrindo um campo sem fronteiras e inovador para as incursões investigativas no campo do discurso.

Por último, cabe nos apresentar o texto de Íris Zavala, “Bakhtin e a filosofia do tango”, tarefa, confesso, não ter sido das mais fáceis. O conteúdo discutido é por demais instigante, mas o estilo da autora foge dos parâmetros aos quais nossos olhos estão acostumados, nesse processo, oferecendo riscos de perdermos, em nosso resumo, aquilo que é constitutivo da voz autoral. Ainda mais porque o texto orienta-se por filósofos e pensadores que não se encontram no domínio do dia a dia de uma linguista aplicada como eu. Caminhando para o desafio, diríamos que, em geral, no texto dessa autora, encontramos uma visão riquíssima da presença da cultura popular nas letras do tango, aliada ao fato de que essas mesmas letras são atravessada por uma visão trágica do mundo, que se assemelha às visões nietzschianas e dionisíacas. Os tanguistas, no dizer da autora, conduzem-nos às margens, onde o sentido vacila, desfalece, tropeça, fazendo surgir a língua em sua dimensão de órgão, para fazer uso de uma metalinguagem lacaniana. A aproximação com Bakhtin ocorre interrelacionada, primeiramente, a partir da metáfora dos tesouros do sentido, que se deslocam no grande tempo, transitando de um gênero para outro, de esfera para esfera da criação humana, assim seria o funcionamento das letras dos tangos, no processo de resignificar a alta filosofia pessimista. Alie-se a essa noção, a perspectiva bakhtiana acêntrica, no que tange à alteridade, onde o

fundamental de sua visão do Outro, se de um lado é “estética”, de outro é também transgressora na relação com a palavra autoritária, qualidades, no dizer de Zavala que se fazem presentes no tango e no bolero, configurando-os como legítimos representantes da música moderna. Bakhtin é ainda chamado para entrar em cena, em dois momentos fundamentais, um deles com relação à sonoridade, específica da esfera musical, a partir da sua compreensão de que a sonoridade não está apenas naquilo que é vocalizado, mas também na percepção do som sobre o fundo do silêncio; o outro momento, quando a autora desse artigo traça uma analogia ao apontar que o baile, assim como o carnaval bakhtiniano são vivenciados, apresentando ambos um caráter universal. Ao colocar um término no seu artigo, Zavala afirma que, embora não seja atravessado pelo riso, o tango comunga com a carnavalização seu aspecto de transgrediência. O tango afronta e a zombaria dele é constitutivo. Conclui a autora, seu brilhante ensaio, afirmando que, é no seu canto a dor e ao sublime que o tango, ao nascer com a modernidade, torna-se uma fonte direta de diversos “mal estares” da cultura de cada época.

Para finalizar, gostaríamos de fazer menção e parabenizar a excelente ideia das organizadoras Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza, em editar essa série e também o árduo trabalho de tradução realizado por Marta Zanini, Adail Sobral, Alexander Meireles da Silva e Erika Michela Carlos.